

NOVA CONTABILIDADE PARA PMEs

LEGISLAÇÃO ESTABELECE QUE AS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS DEVEM SEGUIR PADRÃO INTERNACIONAL

A Lei 11.638/07 aprovada pelo Senado e sancionada pelo Presidente da República em 28 de dezembro de 2007, conhecida como a nova Lei da S/A, modernizou as demonstrações financeiras das empresas brasileiras, levando as normas contábeis do País a convergirem às práticas internacionais, conhecidas como IFRS (sigla em inglês para International Financial Reporting Standards). O grande objetivo é uniformizar as práticas contábeis mundiais em um padrão único, de forma que as demonstrações financeiras possam ser comparadas independentemente da localização das empresas.

Os exercícios iniciados em 1º de janeiro de 2010, a serem apresentados em 2011, devem seguir a nova regra. As mudanças atingem também as Pequenas e Médias Empresas (PMEs), classificadas como as companhias de sociedade fechada e as que não sejam requeridas a fazer prestação pública de suas contas. O benefício da mudança será o entendimento internacional dos balanços, graças a padronização. Assim, haverá maior facilidade na obtenção de crédito e para atração de investimentos, quando o investidor poderá compreender facilmente as demonstrações em qualquer local do mundo.

A Fecomercio recomenda às PMEs que procurem seus contadores e se informem se estes estão totalmente familiarizados às novas regras, pois os balanços a serem apresentados no ano que vem devem contemplar as normas.



pág. 02

GESTÃO

Confira as dicas para organizar o fluxo de caixa e garantir os pagamentos sem apuros



pág. 03

SUSTENTABILIDADE

Reutilizar e reciclar, iniciativas positivas para o melhor aproveitamento dos materiais



pág. 04

INVESTIMENTOS

Os altos juros cobrados no Brasil tornam as aplicações em CDI mais atraentes do que na Bolsa



COMO ORGANIZAR O FLUXO DE CAIXA

ALGUMAS INICIATIVAS CONTRIBUEM SIGNIFICATIVAMENTE PARA FACILITAR A GESTÃO FINANCEIRA DA EMPRESA E NÃO PASSAR APUROS PARA HONRAR COMPROMISSOS

Os cuidados para a administração do caixa vão desde sua elaboração até a análise dos pontos estratégicos. No último **Economix** foi apresentado a importância e a utilidade do fluxo de caixa para uma empresa, além de algumas dicas sobre como elaborá-lo. Feito o fluxo de caixa, porém, vem a fase do trabalho relacionada à análise de todos os dados lançados no horizonte observado.

Algumas dicas:

- ✓ *Negociar com fornecedores: estabelecer prazos alongados de pagamentos que possibilitem ao empresário ter um capital de giro maior. Para novos contratos, fazer diversas cotações e comparar sempre prazos e taxas;*
- ✓ *Negociar com clientes prazos de pagamentos mais curtos: firmar com os*

clientes prazos menores para recebimento de parcelas. Essa redução de prazo, conjugada ao alongamento proporcionado pelas negociações com fornecedores, poderá dar um fôlego à empresa no que diz respeito ao capital de giro;

- ✓ *Avaliar a forma de remuneração do capital da empresa: analisar as alternativas oferecidas, comparando taxas e prazos;*
- ✓ *Melhorar a reciprocidade bancária: reduzir o número de bancos com quem opera a fim de evitar o pagamento excessivo de tarifas, melhorando a reciprocidade bancária;*
- ✓ *Reavaliar o perfil de endividamento: verificar as possibilidades de redução da dívida, planejar a data de pagamento; renegociar saldos devedores e taxas aplicadas;*
- ✓ *Diminuir custos desnecessários, fixar metas para despesas: analisar sempre a*

prioridade dos desembolsos, planejando-os para os momentos mais adequados, considerando, inclusive, negociar os pagamentos em parcelas;

✓ *Avaliar o custo de seus estoques: verificar a real necessidade do nível de mercadorias, analisando o custo em comparação à geração de caixa por ele proporcionado, bem como sua margem de lucro;*

✓ *Analisar formas de recebimento de clientes em atraso: controlar o cadastro de inadimplentes. Propor renegociações, conceder descontos com o objetivo de recuperar créditos e gerar melhor capital para o giro dos negócios.*

✓ *Ponderar gastos com logística e contemplar o planejamento de operações: avaliar na negociação o custo de entrega e de fretes, bem como formas de reduzir o preço dessa operação, equacionando procedimentos e alternativas;*

✓ *Verificar possíveis perdas: perda é todo valor não recebido por conta de erros na operação ou da falta de prevenção; utilizar mecanismos de aferição de mercadorias e difundir procedimentos que possam reduzir custos;*

✓ *Reavaliar investimentos: cabe a reanálise temporal dos planos de investimentos, identificando os que possam dar retorno e calculando o valor desse retorno, bem como seu prazo, para decidir pela continuidade ou interrupção;*

✓ *Analisar a posição de seus ativos e respectivos custos: verificar o custo de manutenção dos ativos, bem como a viabilidade de venda de parte de seus ativos mais onerosos e que não indiquem retorno no curto prazo;*

Como se pode observar, a administração do caixa é estratégica. Passa pela avaliação de todos os processos da empresa que gerem custo ou receita. Nesse momento, ter tudo organizado e dimensionado fará toda a diferença no sucesso da gestão. Essa será uma decisão crucial que poderá mudar o rumo da empresa e facilitar significativamente a gestão financeira.





PANORAMA

A LEITURA EQUIVOCADA DOS NÚMEROS DO PIB

Desde que os dados sobre o Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), surgiram interpretações de todos os níveis procurando, na maioria dos casos, criar frases de efeito, ganhar manchetes na imprensa ou ambos.

Surgiram expressões como “crescimento chinês”, “explosão do nível de atividade”, “... mostram ritmo de crescimento de 11% no ano...”, e outras que, no final, buscavam dar certo sensacionalismo aos dados relativos ao PIB dos três primeiros meses do ano.

Na verdade, os dados mostram pura e simplesmente o seguinte:

✓ Se o ano estivesse terminado em março, o PIB brasileiro teria registrado crescimento de 2,4%;

✓ O aumento trimestral de 9% foi conseguido graças à comparação com o pior trimestre da década;

✓ É um equívoco multiplicar por quatro a taxa mensal de 2,7% obtida na comparação com o trimestre anterior, da mesma forma que, se no segundo trimestre crescermos 1% sobre o primeiro, não poderemos concluir que nosso ritmo ao final do ano será de 4%.

Podemos deduzir, de fato, que estamos crescendo num ritmo positivo, porém adequado, pois até o momento não ocorreram pressões de preços, o que não nos exige de estar atentos aos reflexos de possíveis descontroles, sobretudo nas contas externas.

ACONTECE

EMPRESAS FAMILIARES EM FOCO NA FECOMERCIO

“O Futuro das Empresas Familiares no Brasil” é o tema do seminário a ser realizado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio) em parceria com a GVlaw (pós-graduação lato sensu da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas). Na oportunidade, especialistas da área analisarão as estruturas societárias dessas organizações, bem como apresentarão modelos de planejamento sucessório.

O presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio, Ives Gandra Martins, autor do livro “Empresas Familiares Brasileiras”, fará a abertura do encontro, que contará com painéis conduzidos por professores da GVlaw. No mesmo evento, o economista Peter Edward MR. Wilson, diretor presidente da consultoria financeira Managrow, abordará o reposicionamento no mercado dos empresários que vendem suas empresas.

Será realizada, durante o encontro, uma pesquisa inédita no Brasil, com o objetivo de identificar necessidades e demandas atuais do empresariado brasileiro, que possibilitem a reflexão acerca de soluções para problemas recorrentes. Além disso, a partir do seminário, a Fecomercio e a GVlaw pretendem estabelecer uma plataforma de divulgação de informações que possa servir como suporte, da maneira mais acessível e ampla possível, para o desenvolvimento e a perenidade das empresas nacionais.

O seminário ocorre em 17 de agosto, das 9h às 12h, na Fecomercio. Inscrições gratuitas pelo e-mail empresafamiliar@cardseventos.com.br ou pelo telefone (11) 3031-3053.



SUSTENTÁVEIS

REUTILIZAR E RECICLAR, OUTRAS AÇÕES POSITIVAS

A possibilidade de encontrar fins para materiais que seriam descartados é objetivo da reutilização. Já o processo de reaproveitamento de resíduo para que este se torne matéria-prima na produção que demande mesmo material ou de outros produtos é o que a reciclagem engloba.

Uma ação simples da reutilização é dar preferência para produtos que utilizem materiais a serem reaproveitados, como aqueles que usem refil e que possam ser recarregados (como pilhas e baterias, por exemplo), aproveitar o verso de papéis na impressão ou para rascunho, reutilizar sacolas retornáveis (eco-bags) em vez de sacolas plásticas, ou destinar as sacolas plásticas para acondicionar lixo, dentre outras medidas.

A própria água pode ser reutilizada, principalmente para irrigação em plantas, lavagem de pisos e outros fins que não exijam potabilidade. Também faz parte deste princípio a doação: doar as coisas que não são mais úteis a pessoas menos favorecidas ou instituições que certamente se incumbirão da tarefa de reutilizar antes do descarte.

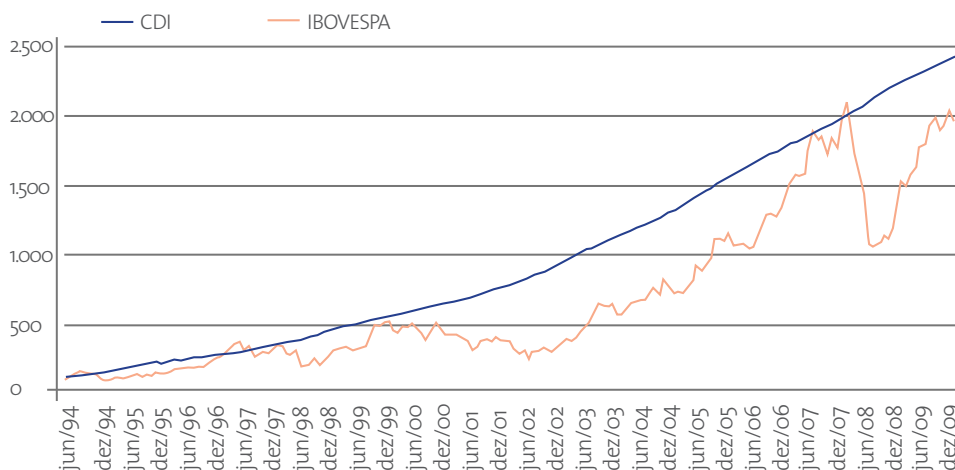
O Brasil recicla 11% de todo o lixo urbano produzido e esta é a maior taxa dentre as nações em desenvolvimento. Certamente o País ainda precisa evoluir muito para ampliar a taxa de reciclagem, para que os custos da coleta seletiva se reduzam e deixem de ser um impedimento para quem deseja fazê-la. Iniciativas como a Política Nacional de Resíduos Sólidos são um indicativo de que temos evoluído neste quesito, principalmente por priorizar a coleta seletiva por meio da inclusão social, estimulando as cooperativas.

O IBOVESPA NO PAÍS DO CDI

COM MENOR VOLATILIDADE, O RENDIMENTO DAS APLICAÇÕES EM RENDA FIXA TEM SE COMPORTADO MELHOR DO QUE A BOLSA DESDE O INÍCIO DO PLANO REAL

Investir em Bolsa é bom no longo prazo. Investir em Bolsa é para todo mundo. Investir em Bolsa é como jogar em um cassino. Nenhuma dessas afirmações corresponde 100% a realidade. É fato que quase todo mundo pode investir na Bolsa de Valores, mas não é verdade que essa seja a hipótese mais comum ou adequada para pequenos poupadores. O risco no curto prazo é sempre maior do que o de períodos mais longos, é verdade. Porém, só se houver acompanhamento e disciplina. Há investidores no mercado acionário que gostam da adrenalina de um cassino e alimentam sua necessidade de aventuras fazendo apostas arriscadas no mercado financeiro, mas também é fato existirem bons instrumentos de análise de empresas para facilitar a escolha de investidores menos aventureiros.

O maior problema da Bolsa de Valores no Brasil ainda é a elevada taxa de juros paga aos rentistas. Os maiores juros reais do mundo induzem os investidores a aplicar em títulos do governo ou em investimentos vinculados à taxa básica de juros do País. A tabela mostra o comportamento comparado dos investimentos em Bolsa e em CDI puro, deixando evidente que a uma taxa de juros muito superior à média mundial desestimula outros investimentos, inclusive no setor produtivo. Quem aplicou R\$ 1 mil no início do Plano Real, há 16 anos, teria, em abril de 2010, R\$ 23 mil se mantivesse a aplicação em CDI e R\$ 18,5 mil se aplicados no Ibovespa. De qualquer forma, ambos rendimentos foram bastante generosos e muito superiores à inflação do período, que fez os preços crescerem em média 3,6 vezes.



Mas o que dizem os juros sobre o Brasil?

Os juros altos são um termômetro de alguma infecção, e certamente essa enfermidade no organismo da nossa economia é o crescente gasto do governo em custeio da máquina. As taxas elevadas também matam aplicações em outros ativos, porque não há motivo para correr risco no mercado de ações. Reduzem, ainda, o crescimento do País no longo prazo, por minimizarem os potenciais de investimento produtivo.

No gráfico acima, partindo de 100, em junho de 1994 (início do Plano Real), mostra a trajetória impressionante dos investimentos em CDI e mesmo de ativos em Bolsa. Em média, o CDI rende mais, apesar de em alguns momentos ter sido superado pelas aplicações em Ibovespa. Esse gráfico traz outra informação importante: as aplicações em CDI, além de renderem muito acima da inflação e deterem liquidez de curtíssimo pra-

zo, possuem volatilidade próxima de zero. A linha do índice baseado em CDI é muito bem "comportada", enquanto a do indicador Ibovespa nos enseja maior cuidado.

Mas vale a pena investir em Bolsa?

Vale, sobretudo para aqueles investidores que são disciplinados e que compreendem a existência de várias estratégias para se aplicar em ações, e cada uma destas adequada a um perfil. Quem quer aplicações mais especulativas, e não se preocupa com rendimentos de longo prazo, deve escolher ações com elevada liquidez. Já aqueles que pensam em rentabilidade e não em comprar e vender carteiras várias vezes por ano, devem estudar quais são os setores promissores da economia e, dentre as empresas destes segmentos, quais pagam bons dividendos. Neste mercado é necessário conhecimento, estratégia, bons conselhos e sangue frio.

Até final de abril de 2010	CDI	Ibovespa	IPCA	CDI Real	Ibovespa Real
Plano Real	2197%	1754%	261%	535,7%	413,2%
1 década	330,7%	334,6%	92,3%	124,0%	126,0%
2008	12,4%	-41,2%	5,9%	6,1%	-44,5%
2009	9,9%	82,6%	4,3%	5,3%	75,1%
2008 e 2009	23,5%	7,3%	10,5%	11,8%	-2,8%
2010	2,7%	-1,5%	2,6%	0,1%	-4,1%

ECONOMix FECOMERCIO
Representa muito para você

PRESIDENTE: Abram Szajman
DIRETOR EXECUTIVO: Antonio Carlos Borges
MARKETING: Luciana Fischer e Adriano Sá
COLABORAÇÃO: Assessoria Econômica
PROJETO GRÁFICO: designTUTU
FALE COM A GENTE: economix@fecomercio.com.br
 Rua Dr. Plínio Barreto, 285 - Bela Vista - 01313-020
 São Paulo - SP - www.fecomercio.com.br